

## A MORTE DE UM GRANDE FILÓLOGO

Por Artur de Almeida Tórres

Da Academia Brasileira de Filologia

Este artigo é mais uma homenagem que presto à memória de meu saudoso amigo Ismael de Lima Coutinho, cujo inesperado e trágico desaparecimento causou-nos a mais profunda consternação, cobrindo de luto a ~~nossa~~ Filologia, *de nosso país.*

Conheci o Professor Ismael Coutinho, pessoalmente, há cerca de 30 anos, num encontro casual. Durante esse longo período de convivência, as suas excelentes qualidades nunca desmereceram de meu conceito, tornando-se, ao contrário, cada vez mais vivas e mais expressivas.

Encantava-me a sua extraordinária modesta e a simplicidade de suas maneiras, que o <sup>faziam</sup> tornar-se admirado e querido de todos que d'ele se aproximavam.

De seus lábios nunca ouvi uma palavra de crítica a seus colegas nem de restrição à capacidade de quem quer que fôsse. Ao revés, estava sempre pronto a elogiar e a encorajar os que se iniciavam em sua especialidade e que d'ele se socorriam freqüentemente.

Certa vez um filólogo fêz severa crítica à sua gramática histórica. Ismael leu o artigo, sorriu discretamente e limitou-se a dizer: "Ele não tem razão, exceto num ponto, que eu já modifiquei na <sup>última</sup> edição."

Você vai responder? -perguntei-lhe.

"Não; cada um com a sua opinião?"

Mas, como instássemos muito para que ele se defendesse, pois, o ~~seu~~ artigo era descortês e o seu silêncio poderia ser mal interpretado, ismael, não sem muito relutar, resolveu redigir a sua resposta.

E num domingo em que eu me entregava à leitura de jornais, apareceu-me ele por casa, inesperadamente, com o seu artigo, a pedir a minha sincera opinião e a <sup>mostrar</sup> visivelmente preocupado em não ofender a sensibilidade do severo Aristarco.

Li-o atentamente; era uma resposta à altura do mestre: serena, comedida, documentada e erudita.

Lembro-me de que ele me chamou a atenção para uma <sup>passagem</sup> pensamento que lhe pareceu incompatível com o seu <sup>temperamento</sup> espírito sensível e delicado. Era um pensamento que encerrava uma fina e saborosa ironia.

Achei ótimo o trabalho e opinei que não retirasse

*sem uma só*  
dêle ~~uma~~ vírgula que fôsse.

Ismael dobrou modestamente o trabalho e colocou-o no bolso. Dias após, ao reler <sup>essa</sup> resposta numa revista filológica, verifiquei que ele havia eliminado a ironia que o preocupava.

~~Segue, com o seu temperamento sensível,~~ achou que podia ferir a suscetibilidade do colega, que o criticava com tanta <sup>rigidez</sup> severidade. Preferiu não desviar-se do terreno da pura argumentação científica,

Esse episódio, aparentemente insignificante, define o homem e engrandece o filólogo. E assim, sereno, cauteloso e gentil, ele se conservou em toda a sua ~~longa~~ existência, sabendo conquistar amizades e <sup>deportar</sup> conquistar simpatia, a apreço, estima e admiração.

<sup>a despeito</sup> Apesar de possuir muitos filhos e muitos netos (atualmente 24) e também <sup>as</sup> atividades públicas que exercia, ~~não~~ se falando no número excessivo de aulas que dava diariamente, ora em Niterói, ora na Guanabara, Ismael, sempre paciente, bem humorado e sereno, ainda encontrava tempo para se aprofundar nos estudos de filologia românica, tendo-nos legado, além de sua <sup>excelente</sup> magnífica gramática histórica, sempre atualizada e enriquecida em suas reedições, muitos outros artigos e conferências, <sup>na</sup> ~~sendo que~~ duas obras ficaram inéditas: um tratado de fonética e morfologia do latim e um estudo sobre as poesias de Terêncio, que ele levava a polir constantemente, seguindo assim, como ~~ele mesmo~~ me dizia, a prudente advertência de Horácio.

Dir-se-ia que a educação que recebera no Seminário, de tal modo influiu em seu espírito, que o tornava um cidadão sempre compenetrado da transitoriedade das coisas e da precariedade da vida.

*vixit Summa brevis.* Daí o seu feitio simples, desambicioso e desapegado das coisas materiais. Os elogios que recebia e as vitórias que conquistava no campo da cultura nunca o envaideceram, apenas o incentivavam.

Foi, por isso mesmo, como tive ensejo de dizer à beira de seu túmulo, um cidadão <sup>modesto</sup> simples, sábio e bom.

Sua vida estava dividida entre a sua família e os ~~seus~~ livros. E quantas vezes, ao regressar a casa, após um dia de labor intenso, ele se recolhia à sua biblioteca, onde permanecia até tarde da noite, <sup>estudando</sup> lendo, ~~estudando~~ meditando e corrigindo as inúmeras provas de seus alunos. E com que cuidado e peçiência ele examinava essas provas, lendo ~~por~~ cautelosamente palavra por palavra, para não cometer a mais leve injustiça em seu julgamento.

De vez enquando era interrompido por chamadas telefônicas, de pessoas que desejavam ouvir a sua opinião acêrca de assuntos duvidosos ou controvertidos. E com a paciência de um beneditino, a tôdas êle atendia delicadamente, argumentando, orientando, esclarecendo.

Dos muitos trabalhos que deixou, acabo de ler a ~~uma~~ bela conferência que proferiu em 1964, na Sociedade Brasileira de Romanistas, sôbre a vida amorosa de Horácio.

É uma admirável peça literária onde, a par de ~~uma~~ linguagem escorreita, podemos apreciar os seus excelentes dotes literários e o ~~seu~~ magnífico poder descritivo.

Apresenta-nos, primeiro, o cenário de Roma antiga, com os seus costumes pagãos, com a <sup>ou</sup> vida de orgia e ociosidade, ~~de sua gente, os famosos~~ <sup>(com os tradicionais)</sup> jogos públicos, os espetáculos do anfiteatro, e por fim os famosos banhos de termas, que se realizavam em grandes centros de diversões, para onde convergia a alta sociedade da época, e onde, no dizer de Krieg, "...se reunissait le beau monde, non seulement pour se baigner, mais pour converser!"

Não demorou que êsses centros de divertimentos se transformassem em fontes de <sup>de</sup> escândalos, a ponto de, no testemunho de Carcopino, "...finir par écouvoir les autorités!"

Foi nessa tempo de esplendor, de luxúria, de libações, que surgiu a figura admirável de Horácio, o grande amigo de Augusto e de Mecenas, e cuja filosofia ~~consistia~~ fazia consistir a felicidade no uso moderado dos bens da terra.

Foi quando <sup>é</sup> escreveu <sup>o</sup> as suas Sátiras, as <sup>Odes</sup> ~~o~~ <sup>as</sup> Epístolas e os ~~o~~ <sup>os</sup> Epodos, com os quais fustigava os excessos da sociedade e os ~~ridículos~~ <sup>ridículos</sup> de seus contemporâneos.

Pois bem; tratando da vida amorosa dêsse grande poeta venusino, Ismael Coutinho, com a profundezza de seus conhecimentos históricos e a singeleza de seu estilo, produziu a sua admirável conferência, cujas últimas palavras foram coroadas por ~~uma~~ longa salva de palmas, naquele ambiente de fina espiritualidade.

Mostrou o conferencista que Horácio fôra um amoroso, e ainda quando os anos lhe <sup>prateavam</sup> os cabelos e a saúde aos poucos lhe fugia, o poeta, ao dirigir-se para Baía, em descanso, ali conheceu uma bela cortesã, que reunia <sup>todos</sup> os encantos de uma oriental mas que se mostrava <sup>profundament</sup> muito decepcionada com os sombrios vaticínios dos astrólogos que consultara.

Foi então que Horácio, seduzido por essa mulher de tão rara formosura, e a que dera o nome grego de Leocónoe, escreveu uma bellissima ode, ~~em~~ em que procurava alevantar o ânimo dessa criatura, mostrando-lhe que só Deus pode conhecer os nossos destinos:

"Não procures, ó Leucónoe, com cuidado exagerado, o que a mim e a ti predestinado tem o supremo ~~Deus~~ Ser insondável!"

Essa bela conferência será publicada nesta revista, ~~para~~ para deleite de seus leitores, e como justa homenagem ao filólogo desaparecido, que passou pela vida não como sombra fugidia: Sicut umbra dies nostri, mas como cidadão de raras virtudes, verdadeiro Varão de Plutarco.